

Brasil



MAIS DE 600 CÃES E GATOS

Supermercado vira abrigo de pets

Espaço vazio em São Leopoldo reúne animais perdidos de seus tutores

PUB
LICIDADE
OBRIGATORIA
PUB
LICIDADE

Em 2010, Bumba, em Niterói (RJ), onde morreram 48 pessoas, segundo a prefeitura, cidade teve projetos contra enchentes enfiados por gestões anteriores



Força da chuva. Vale do Itajaí (SC), uma das regiões destruídas em 2008



Enchente de 2011. Córrego Dantas, em Friburgo (RJ); drenagem atrasada

ENXURRADAS HISTÓRICAS

TRAGÉDIAS MOSTRAM QUE PAÍS INVESTE MAIS EM OBRAS EMERGENCIAIS DO QUE EM PREVENÇÃO



RIO GRANDE DO SUL

MARCELO REMÍGIO E JULIANA NOVA

marcelo@globo.com.br

Regões atingidas por grandes enchentes no país empregaram mais recursos em obras emergenciais do que em ações de prevenção. Obras prometidas contra inundações também não se concretizaram na totalidade. Parte não começou por razões que vão de perdas de prazos que levaram a suspensão de verbas à falta de qualidade de projetos.

Levantamento feito pelo GLOBO nas dez maiores inundações brasileiras da história em número de mortes, aponta que foram aplicados R\$ 11,5 bilhões, em valores corrigidos, em ações de socorro. Ao mesmo tempo, em algumas cidades, a recuperação de túneis extravasados, que custariam R\$ 45 milhões, ou macrodrenagens, no valor de R\$ 75 milhões, continuam sendo esperadas há anos.

O ranking das maiores enchentes é liderado pela tragédia da Serra das Araras, em Pirai (RJ). Um temporal em fevereiro de 1967 deixou 1.700 mortos. Durante a chuva, ônibus, caminhões e carros que passavam pela Rodovia Presidente Dutra foram arrastados pela enxurrada, que soterrou bairros inteiros no pé da serra. Cerca de 300 trabalhadores de um acampamento de obras desapareceram. A Dutra permaneceu fechada por três meses e, até hoje, enfrenta quedas de barreira. Em pouco mais de um ano, foram quatro deslizamentos com interdições.

Só agora, passados 57 anos, a concessionária que administra o trecho, a CCR Rio SP, anunciou em abril o início da

AS 10 PIORES ENCHENTES EM NÚMERO DE MORTOS

Nem todas as obras para evitar novos estragos foram concluídas



RANKING DAS ENCHENTES

ANO	ÁREA ATINGIDA	GASTOS EMERGENCIAIS*	MORTES
1 1967	Serra das Araras / Pirai (RJ)	R\$ 8,7 milhões	1.700
2 2011	Região Serrana (RJ)	R\$ 5,8 bilhões	918
3 1967	Caraguatatuba (SP)	R\$ 8,3 milhões	436
4 1948	Zona da Mata (RS)	R\$ 6,1 milhões	250
5 1966	Cidade de Rio (À ÉPOCA, GUARABUÁ)	R\$ 2,6 milhões	250
6 2022	Petrópolis (RJ)	R\$ 2,5 milhões	241
7 1967	Cidade de Rio (À ÉPOCA, GUARABUÁ)	R\$ 12,7 milhões	200
8 2010	Região Metropolitana do Rio (RJ)	R\$ 447,7 milhões	182
9 1966	Grande Recife (PE)	R\$ 328,2 milhões	175
10 1988	Petrópolis (RJ)	R\$ 43,9 milhões	171
11 2008	Vale do Itajaí (SC)	R\$ 4,8 bilhões	135

*Em valores atualizados. Correção feita por meio dos índices IPCA e IPC-SPI Fipe, de acordo com o ano da enchente

Fonte: Arquivo da Câmara dos Deputados, Portal da Transparência dos municípios e governos estaduais

EXTRA DA UOL



Maior tragédia. Ônibus destruído na enchente de 1967 na Serra das Araras

Friburgo, o projeto de combate a enchentes no Córrego Dantas não foi concluído, com 60% da drenagem executados. Já em Petrópolis, castigada em 1988 por uma enchente que matou 171 pessoas, viveu em 2022 nova tragédia, com 241 mortos.

Naquele ano, a cidade recebeu R\$ 110 milhões, entre verbas federais e estaduais, doações e recursos próprios. Segundo a prefeitura, à época, foram empregados R\$ 113 milhões em obras de contenção emergenciais, sendo 84 concluídas e 24 em andamento. Mesmo assim, ainda há o que fazer.

—Após 2011 foram implantados sistema de alerta por meio de sirenes, mensagens de celular e criação de pontos de apoio para receber a população. Mas há o desafio da habitação, comum a todas as cidades e governos —defende Rafael Simão, coronel da reserva do Corpo de Bombeiros e especialista em estratégia de desastres.

Acidade foi contemplada com o PAC das Encostas e terá obras de contenção em sete bairros, orçadas em R\$ 60 milhões, valor inferior ao das obras emergenciais. O município tenta ainda a liberação de R\$ 100 milhões para a construção de sete reservatórios para as águas do Rio Quatadinha em caso de cheias.

Já o governo estado inici-

ou a segunda etapa da recuperação de um túnel extravasador, que desvia a água do Rio Palatinato. A cidade perdeu, em 2017, o prazo para o início das obras e teve a verba de R\$ 45 milhões suspensa. Sem manutenção e com capacidade limitada, a galeria contribuiu para a tragédia de 2022.

DESAFIO DA HABITAÇÃO

Para Simão, que esteve à frente da Defesa Civil de Petrópolis por cinco vezes, a tragédia de 2011 foi considerada um marco na prevenção de danos provocados pela chuva. Mas o país ainda precisa encontrar uma solução habitacional para evitar construções irregulares em áreas de risco.

Em Niterói, onde somente no Morro da Bumba morreram 48 pessoas em 2010, obras de prevenção de enchentes para outra área de risco, o Morro da Cocada, tiveram apenas 54% dos recursos aplicados. O projeto foi interrompido, segundo o Ministério da Gestão, por problemas técnicos de execução. A prefeitura informou que as obras de urbanização, por meio do PAC, sofreram redução de metas aprovada pela Caixa, que modificou o projeto original e fez com que o valor das ações fosse reduzido de R\$ 9,9 milhões para R\$ 5,3 milhões, os 54% do inicialmente previsto.